

Aula 18

O PAPEL NÃO PODE FICAR BRANCO: FÚRIA, ACORDOS E ACOMODAÇÃO

META

Demonstrar como ocorreram os movimentos de resistência dos indígenas sergipanos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
explicar os detalhes da conquista do território sergipano.

PRÉ-REQUISITOS

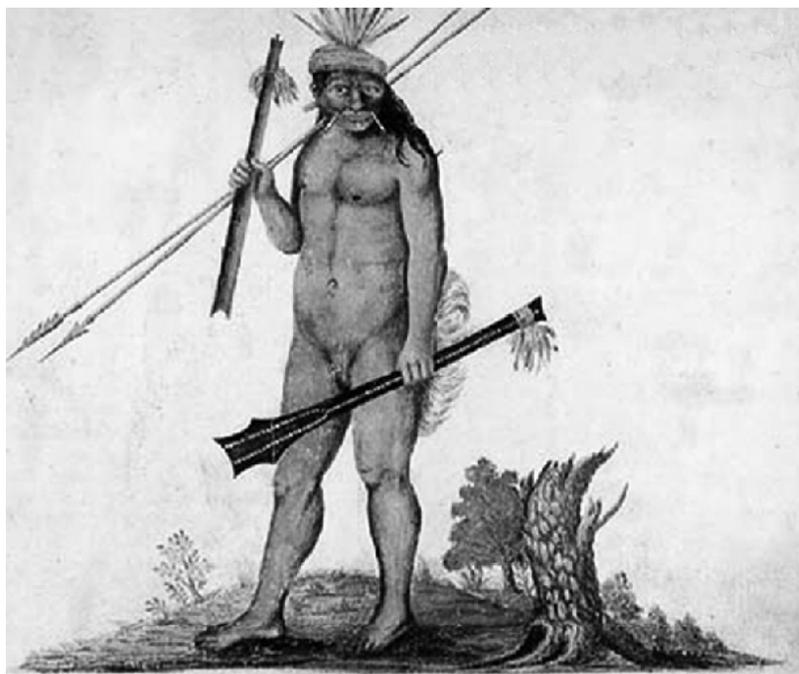
Ter assimilado o conteúdo da aula “A coroa e o projeto de pacificação do território”.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: na aula anterior nós vimos o enredo que culminou com a conquista que parecia definitiva do território sergipano. Mas, como ficaram os nativos e a situação nas sesmarias sergipanas? O quadro não é pacífico! Há índios que fogem espavoridos ou armam ciladas para vingar-se das perseguições sofridas, enfim, é outro fio com que se teceu a trama da conquista.

Precisamos explorar melhor a compreensão desse fio. A historiografia sergipana carece dar continuidade aos estudos sobre os índios.



Índios e suas armas, Tapuay(Fonte: [http:// debinhahistoria.blogspot.com](http://debinhahistoria.blogspot.com)).

FÚRIA INDÍGENA

A investida de Brito nas missões dos jesuítas provocou mais ainda a fúria dos povos indígenas contra a escravização imposta pelos brancos. Muitos deles morreram ou fugiram, após bravas resistências. Os caciques Surubi, Aperipê e Serigi são exemplos de “principais” que se destacaram na luta de defesa das tribos. O primeiro lutou bravamente até morrer; o segundo, também ofereceu igual resistência e, vendo que poderia ser morto, empreendeu uma fuga para os sertões; e o último, não menos guerreiro, luta até o fim quando, possivelmente, tenha sido levado a Salvador como prisioneiro. Alguns pesquisadores afirmam que Serigi morreu recusando-se a comer, não aceitando a escravidão.

Vamos fazer um painel geral dessas resistências. Começamos pela resistência de 1575, quando os índios reagiram à investida de Brito na região. Segundo Nunes, foi muito grande “a resistência dos nativos, morrendo na luta ou refugiando-se nos sertões, que ficaram frustrados os que acompanharam o Governador por não acharem o gentio que buscavam para o cativo e se servirem deles”(NUNES, 2006, p. 26).

Os índios Kiriri, com muita fúria, chegaram à região do Rio Real logo depois da expedição violenta de Brito. Essas lutas foram registradas por muitos pesquisadores. Pedro Calmon, por exemplo, escreveu o seguinte: “... fluíram os Kiriris, nômades das “caatingas”, gulosos de carne humana, indomáveis, odiando o branco... expulsavam os soldados que insistiam ficar nas aldeias”. Estes índios “comandados por Baepeba” – prossegue o autor – deram “aos caçadores de escravos tremenda lição”.(CALMON, 1950, p. 20-21).

As resistências indígenas contra os colonizadores se prolongaram durante toda a década de 1580. De forma vingativa, índios das regiões do Rio Vasa-barris e do Rio Sergipe empreenderam emboscadas contra os brancos. Vários colonizadores – currelitas, por exemplo - foram assassinados no território sergipano na medida em que se processava a tentativa de criar gado na região.

Na batalha de 1590, a “guerra justa” que mencionamos na aula anterior, havia a presença de 20.000 índios, comandados pelo principal, Baepeba, entre outros caciques. Várias aldeias levantaram-se em prol da defesa do território, entre elas estavam: Japarutuba, Pacatuba e Serigi.

A FÚRIA DOS ÍNDIOS EM SERGIPE NA LITERATURA DE ILMA FONTES

Gostaríamos que você conhecesse traços dessa resistência do indígena sergipano, valendo-se da linguagem artística. Escolhemos o roteiro de cinema *A Fúria da Raça*, redigido por Ilma Fontes.

Fontes preparou este roteiro baseando-se em várias fontes históricas. Abaixo, leia o texto que nos informa sobre a autora e melhores informações sobre o roteiro *A Fúria da Raça*.

INICIALMENTE, VEJAMOS QUEM É ILMA FONTES

Fontes acumulou uma das mais ricas bagagens intelectuais de Sergipe. De atriz a colunista social, passando a escritora. Cineasta, editora de livros.

Em 1972 formou-se aos 25 anos na antiga faculdade de Medicina de Sergipe. Logo em seguida se especializou em Medicina Legal e Psiquiatria,

no Rio de Janeiro. De volta a Aracaju, ela passou a assumir a direção do setor clínico do Hospital Adauto Botelho. Outra ocupação sua foi ministrar aulas nos cursos de Medicina, Direito e Odontologia da Universidade Federal de Sergipe por dois anos.

Ajudou a implantar a emissora de TV do Estado, elaborou o nome fantasia TV Aperipê, criando aberturas e encerramentos da emissora. Nela permaneceu como diretora durante os anos de 1984 a 1990.

No que se refere à sua formação artística, a autora relatou o seguinte ao jornal Cinform, na edição de 30 de junho a 06 de julho de 2003:



Ilma Fontes, cineasta, atriz, colunista social e escritora (Fonte: www.informesergipe.com.br).

“Venho de uma família de artistas, sobretudo, de escritores e poetas. A começar por Hermes Fontes, que é um parente de raiz, Amando Fontes e José Maria Fontes. Carnera, irmão do meu pai, Aderbal Fontes, foi um dos que mais me influenciou. Durante as décadas de 40, 50 e 60 ele foi o ‘must’ (o máximo) em música. Através dele, tive contato com os grandes intérpretes da música popular brasileira. Era uma espécie de mascote dos artistas que viveram na casa dele. (...) Pelo fato de ser músico, professor e uma pessoa muito querida, Carnera agregou várias vertentes da arte. Álvaro Santos e J. Inácio eram amigos dele. O pessoal de literatura e poesia também freqüentava os saraus que aconteciam na sua casa.

(...) Com Yoia Wurch escrevi oito roteiros de cinema. Alguns já realizados, como “Minha vida em suas mãos”, uma produção nacional feita em 2000 com Maria Zilda e Caco Ciocler. Fiz o primeiro filme 35 mm sergipano a entrar em circuito comercial “Arcanos (o jogo)”, em 1980. No mesmo ano produzir o “Beijo”, que foi considerado o melhor do sétimo Fenaca Amador – promovido pela UFS. Em 1980, fiz “A Última semana de Lampião” que foi veiculado no início de 1986 para comemorar um ano da TV Aperipê. (...) Para a Embrafilme realizei um registro do folclore sergipano, entre os filmes está um de 16 mm sobre a Taeira. Em vídeo cobri 25 das principais cidades do interior do Estado enfocando aspectos culturais, históricos, geográficos, turísticos. (...) Em literatura, em 1987, publiquei, no Espírito Santo, “Melhor de três”. Dez anos depois, lancei a “Fúria da Raça”, pela Fundação Estadual de Cultura – Fundesc”

Referindo-se ao livro “Fúria da Raça”, Ilma ainda declarou o seguinte:

“É uma reconstituição histórica que me deu muito trabalho, porque Sergipe não tem fontes primárias. Sabemos muito mais da Queda da Bastilha, durante a Revolução Francesa, do que da História de Sergipe. Para recompor o período de 20 anos em que se consolida a conquista de Sergipe, ou seja de 1575 a 1595, fui buscar dados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Museu do Índio (RJ). Agora, como a história é feita por homens só com homens, introduzir personagens

femininos que existiam, mas que tinham pouco destaque. A história virou livro, mas foi feita para ser um seriado de TV. Deveria ter entrado no ar no dia 1º de janeiro de 1990, data do quarto centenário de Sergipe, na TV Aperipê. Comecei a trabalhar nele dez anos antes e não tive nenhum apoio. Todo o trabalho de pesquisa foi aberto às minhas custas”.

Cinfor, Aracaju, 30 de junho a 06 de julho de 2003, Edição 1055, Caderno Cultura e Variedades.

Vejam abaixo uma parte do livro *Fúria da Raça*:

[“Cena 201 (Baepeba, a tarde começa a cair)

Baepeba está entre 4 índios distribuindo ordens.

- Baepeba - Vocês dois vão à cerca de lá, vocês

dois, à cerca de cá. Digam que vamos sair todos de vez dos cercados e atacar de corpo aberto. Saindo todos de vez das três cercas acabaremos com eles e seus paus de fogo.

- Índio - Baepeba, eles estão por todos os lados. Teremos que passar pelo meio deles para alcançar as outras duas cercas.

- Baepeba - Eles conhecem o medo, nós não.

- Índio - Estamos todos mortos de sede e não podemos pegar água, não agüentaremos muito tempo.

- Baepeba - Por isso precisamos atacar de vez. Vão. Antes que a noite caia.

Os índios correm para lados opostos, a câmera seguindo dois. Logo encontram a tropa de Sebastião. Um vai pular por cima de uma árvore, de um galho para outro quando é percebido por um soldado que atira e este cai morto. O outro consegue se safar pulando de galho em galho, os soldados entretidos, o índio alcançando a cerca pretendida. A câmera vai buscar os outros dois que conseguem chegar ilesos à outra cerca, os seus (20) lhes dando cobertura.(Fontes, 1997, p. 262).

Dantas, muito apropriadamente em seu texto *Índios em Sergipe*, assinalou o que sucedeu com os índios em Sergipe, após a conquista de Cristóvão de Barros. “Alianças e hostilidades por parte dos índios sobreviventes se sucedem ao longo dos séculos” – escreveu Dantas – “mas, gradativamente, o domínio colonial se impôs sobre os nativos que dominavam entre o Rio Real e o Rio São Francisco”.(Dantas, 1991, p. 38). Em seguida, neste mesmo texto, a autora também fez oportunamente as seguintes declarações: “dois processos paralelos se desenvolvem concomitantemente à conquista e à colonização: o genocídio, que é o massacre de populações nativas; e o etnocídio, que é a destruição sistemática de suas culturas”.(Dantas, 1991, p. 38).



Índios em revolta (Fonte: <http://www.marcianeves.blogspot.com>).



ATIVIDADES

Como explicar que 20.000 índios guerreiros, conhecedores das matas e dos segredos da natureza, perderam para cerca de 5.000 combatentes do lado dos conquistadores?

CONCLUSÃO

Você observou como não foi tão fácil como pareceu na última aula o processo de conquista do território? A resistência foi robusta e até heróica da parte dos verdadeiros guerreiros da terra, que defendiam seu espaço, suas famílias e suas tradições. Entretanto, o poder das armas do homem branco e o esfacelamento das tribos pela ação da catequese, permitiram a penetração pacífica dos conquistadores, inclusive com a cooptação de muitos nativos.



RESUMO

Caro aluno ou querida aluna: nesta aula nós vimos como as investidas do governador da Bahia, Luiz de Brito, motivaram um violento movimento de resistência dos índios que habitavam no território sergipano. Foram milhares de mortos dos dois lados. Você viu como os caciques Serigi, Aperipê, Surubi e Baepeba coordenaram uma luta de vida ou morte na defesa do seu território, da sua cultura, das suas famílias, do seu povo, mais acirrada durante cerca de 10 anos. Em seguida, você viu a fúria dos índios através da literatura de Ilma Fontes e conheceu o perfil dessa intelectual sergipana. Mas, as lutas não terminaram por aí, você acompanhou a citação histórica de Dantas, afirmando que as lutas prosseguiram por séculos.

Até a próxima aula!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA PRADO, João Fernando de. **A Bahia e as Capitânicas do centro do Brasil**. Companhia Editora Nacional, 1945.
- CALMON, Pedro. **História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros**. s. l.: Livraria José Olympio Editora, 1958.
- DANTAS, Beatriz Góis. Índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana maria de Faro Leal. **Textos para a História de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/Aracaju: Banese, 1991.
- FONTES, Ilma. **A fúria da raça**. Roteiro cinematográfico. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1997.
- FREIRE, Felisbela. **História de Sergipe**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- Livro em que dá Razão do Estado do Brasil no governo do Norte assim como o teve Dom Diogo de Menezes e Sá até o ano de 1612. Sgto-mor Diogo de Campos Moreno. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1968.
- NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. 2 ed. São Cristóvão: Editora da UFS/Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.
- _____. **Sergipe colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SACCHINJO, Fradesco. **Historia Societatis Jesu**. In: LEAL, Antônio Henrique. Apontamentos para a história da Companhia de Jesus apud NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. 2 ed. São Cristóvão: EDUFS/Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.
- SALOMÃO, Liliam da Fonseca. **A lenta penetração portuguesa no Brasil**. O caso de Sergipe d'El Rey, território marginal. Cadernos UFS-História. São Cristóvão: DHI/PDPH/EDUFS, 1996. p. 105-115.
- WHYNNNE, Pires. **História de Sergipe (1575-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1970.